



# Revista de História e Estudos Culturais

Janeiro - Junho de 2022

Vol. 19 Ano 19 n° 1

[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

ISSN 1807-6971



10.35355/revistafenix.v19i1.988

## REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: UM ESTUDO DE CASO EM GARANHUNS - PERNAMBUCO

## REFLECTIONS ON TEACHING LOCAL HISTORY: A CASE STUDY IN GARANHUNS-PERNAMBUCO

Ana Cláudia Pontes de Lima \*

Universidade Federal Rural de Pernambuco -UFRPE

[euhanah2018@gmail.com](mailto:euhanah2018@gmail.com)

Ana Lúcia Nascimento Oliveira\*\*

Universidade Federal Rural de Pernambuco -UFRPE

 <https://orcid.org/0000-0003-1496-9675>  
[ananascimentoufrpe@gmail.com](mailto:ananascimentoufrpe@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado sobre o ensino de história local. Tem como objetivo investigar a aprendizagem histórica a partir da análise dos relatos de professores e estudantes da Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, em Garanhuns –Pernambuco, na vivência do projeto pedagógico “Memórias de Garanhuns”. A pesquisa levou em consideração a experiência da referida escola nos anos de 2018 e 2019. Buscou provocar a reflexão a respeito do ensino de história local como estratégia de ensino e de pesquisa no âmbito do Ensino Fundamental II. Entrevistando professores e estudantes foi possível perceber que o ensino de história local promoveu o interesse dos estudantes pela disciplina história e criou diversas oportunidades de aprendizagem, motivou professores e envolveu a comunidade escolar em atividades que valorizaram a história e cultura local.

**PALAVRAS – CHAVE:** História local; aprendizagem histórica; ensino de História.

**ABSTRACT:** This article is part of a master`s thesis on teaching local history. It aims to investigate historical learning from the analysis of teachers` reports and studies` reports at the school Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, Garanhuns- Pernambuco, in the experience of the pedagogical project “Memórias de Garanhuns”. The research took into account the experience of the school during 2018 and 2019. It sought to provoke reflection on teaching local history as a teaching and research strategy in the context of Elementary School II. By interviewing teachers and students` interest in the subject of history and

---

\* Mestranda em História Social da Cultura Regional (Conceito CAPES 4). Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Professora da rede pública desde 2005. Professora efetiva da rede municipal de Garanhuns desde 2006 e da rede estadual de Pernambuco desde 2010.

\*\* Atualmente é professora Associada IV aposentada da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Docente da Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

created several learning opportunities, it motivated teachers and involved the school community in activities that value local history and culture.

**KEYWORDS** :Local history; history; historical learning; history teaching.

Esta pesquisa teve como temática o ensino de história local, aconteceu ao longo de 2019 e 2020, por meio de entrevistas orais e questionários aplicados a uma parcela de professores e estudantes participantes do projeto pedagógico “Memórias de Garanhuns” nas edições de 2018 e 2019. Objetivando investigar o ensino de história local na prática e provocar a reflexão a partir da análise de uma experiência concreta.

Apesar de utilizar o supracitado projeto pedagógico que trata sobre a história e cultura da cidade de Garanhuns, no agreste de Pernambuco, esta investigação oportuniza o debate, podendo contribuir para o ensino de história nas mais diversas realidades.

O projeto pedagógico intitulado “Memórias de Garanhuns” é uma obra da equipe docente e gestora da Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, teve sua primeira efetivação em 2018 e é fundamentado na lei municipal 3946/2013, que determina às escolas da rede municipal a realização de atividades comemorativas relacionadas à história da cidade, considerando o dia 10 de março como o “Dia de Garanhuns”, conforme carta régia de 10 de março de 1811, quando o povoado foi elevado a categoria de Vila.

O trabalho realizado pela equipe da escola em tela não se resumiu à comemoração, envolveu a comunidade escolar em atividades diversas como, realização de pesquisas, passeios pedagógicos, entrevistas orais de estudantes com familiares, visitas de escritores, historiadores e artistas da cidade, palestras, confecção de cartazes, apresentações culturais, debates em sala de aula, produção de maquetes e documentários, nos meses de março em 2018 e 2019.

## **O PROJETO PEDAGÓGICO: “MEMÓRIAS DE GARANHUNS”**

Em 2018 o projeto “Memórias de Garanhuns” tratou sobre diversos aspectos da cidade, sua história desde de quando se tornou vila, os recursos naturais como as fontes de águas minerais, as mudanças no tempo e no espaço, algumas personalidades e manifestações culturais locais, além de alguns fatos históricos mais presente nas memórias da comunidade escolar. Em 2019 o tema abordado foi a história de vida e as obras de um artista local que se tornou nacionalmente conhecido, Domiguinhos.

Questionados sobre os objetivos do projeto durante as entrevistas individuais, os professores falaram sobre a importância de conhecer e valorizar a história local, as expressões artísticas, espaços e memórias, como diz a professora 1: “Assim, tinha coisas que eles nem sabiam que existia, os alunos num é? Aí foi um momento deles conhecerem e saberem o que tinha acontecido em seu lugar” (PROFESSORA1,2019).

A professora 3(2019) deixou claro os objetivos do trabalho e reafirmou o que foi dito por outros professores.

Mostrar ao aluno a cidade, para que ele conheça a cidade onde mora, trabalhar também relações de pertencimento, além de conhecer o espaço que ele mora, ele se sinta parte dessa localidade e atrelado a esses dois objetivos, trabalhar noções de pertencimento, territorialidade e também outros, acabamos trabalhando outros, que é o trabalho em grupo, responsabilidade coletiva, forma de se portar, construíram documentários, teve isso também, foi outra sala temática, os alunos se tornaram também autônomos, eles trabalharam de forma orientada e autônoma, então, isso também. Conhecer o espaço que viveram, as pessoas que fizeram e fazem parte da história e também trabalhar essas noções de pertencimento. (PROFESSORA 3,2019)

Na fala da professora 3(2019) a palavra pertencimento é repetida e chama atenção porque ela está falando de um projeto que trás à tona memórias, o posicionamento de Santhiago e Magalhães (2015) mostra a relação entre memória e pertencimento.

A sensação de fazermos parte de um grupo vem, entre outras coisas da memória coletiva. Lembrar coletivamente une os indivíduos e permite que eles compartilhem vivências. A ideia de pertencimento à coletividade é reforçada por recordações comuns. Identificamo-nos uns com os outros porque podemos dividir tais experiências. (SANTHIAGO; MAGALHÃES,2015, p.42)

A interdisciplinaridade é uma característica marcante no “Memórias de Garanhuns”, é possível identificar a utilização de conhecimentos matemáticos na realização da atividade em sala temática na narrativa da Professora 6 (2019).

Este ano, nós trabalhamos com outra temática que foi em relação a Domiguinhos e novamente com uma turma de sétimo ano, trabalhamos a temática da discografia de Domiguinhos, daí nós fizemos uma pesquisa sobre quantos discos ele tinha lançado, entre décadas, daí nós montamos um pictograma e uns alunos que iam visitar a turma, a turma explicava o que era um pictograma, mostrava naquele gráfico a mediana, a média aritmética( média de discos que ele tinha lançado) durante a trajetória. Outro grupo estava preparado para que no momento que eles parassem, cantar uma das músicas que tinha sido sucesso naquela época, naquela década e ao final de tudo, outro grupo ainda finalizou com o resultado geral de toda a discografia dele. (PROFESSORA 6 ,2019)

Quando questionados sobre os problemas e dificuldades na realização do projeto as falas dos professores convergem para os problemas já conhecidos da educação pública no Brasil, são citados, falta de recurso, falta de espaço, falta de tempo e em apenas uma das entrevistas a professora citou problema com escassez de fontes de pesquisa.

O ensino de história local é uma possibilidade, uma maneira de mostrar ao estudante que a história é feita de vida real enquanto ler a sua realidade próxima, como defende Nikitiuk (2004).

(...) a história local se vista como eixo curricular demonstra ser o local de construção e espaço identitário e facilitador de relações solidárias num mundo planetário e global. Propicia olhar o ontem com os valores de hoje e facilita tornar mais significativos os conteúdos universalmente postos como saberes escolares. (NIKITIUK, 2004, p.56).

Fazer uso da experiência do estudante e de seu convívio social para a prática do ensino de história parece uma boa estratégia, isso parece viável no projeto “Memórias de Garanhuns”.

Falando em processo de ensino e aprendizagem, buscamos respaldo em um campo da história que tem ganhado espaço e significados próprios, que diz respeito ao ensino de história, a chamada didática da história, de acordo com Rüssen (2015):

A didática da história possui, assim, um campo próprio de tarefas a trabalhar, que a distingue substantivamente, do campo da ciência da história. Ela é a ciência da aprendizagem histórica. Produz de modo científico(especializado) o conhecimento necessário e próprio à história, quando se necessita compreender os processos de aprendizagem e lidar com eles de modo competente. (RÜSEN.2015, p.247)

Considerando o ponto de vista de Rösen, a didática da história se relaciona com a teoria da história, mas é independente dela, pois engloba o ensino de história e a circulação social da história, estes elementos independem, mesmo assim há possibilidades de encontros entre ambos. O projeto “Memórias de Garanhuns” mostra essas possibilidades, porque permite a aproximação entre a realidade dos estudantes e o ensino de história.

Para Rösen a formação histórica se pauta em três operações, “experiência, interpretação e orientação”, essas operações ocorrem de maneira contínua, gradual e se relacionam o tempo todo.

A atividade da consciência histórica pode ser considerada como aprendizado histórico quando produza ampliação da experiência do passado humano, aumento da competência para a interpretação histórica

dessa experiência e reforço da capacidade de inserir e utilizar interpretações históricas no quadro de orientação da vida prática. (RÜSEN,2007, p.110)

O sujeito da aprendizagem se apropria da informação, do dado histórico, do fato, da experiência, essas informações objetivas passam a compor a subjetividade de sua identidade e consciência histórica. Nessa dinâmica de aprender e dar significado às informações da experiência histórica esse sujeito aprende a olhar o passado, perceber suas diferenças com respeito e interesse. Diante dessa interpretação do passado ele desenvolve a competência de olhar para o outro e olhar para si, desvendando realidades, memórias e experiências, articulando o seu contexto a esse desenvolvimento.

O estudante então passa a ser competente para planejar seu futuro e da comunidade, criar perspectivas, de acordo com a competência da orientação de Rüsen (2007). É o aprendizado da história que aprimora as competências da experiência, interpretação e orientação.



As três dimensões do aprendizado histórico esboçadas e suas qualidades formativas estão obviamente intimamente interligadas. Não há experiência histórica livre de interpretação, nem orientação histórica livre de experiência. Todo modelo de interpretação é relacionado simultaneamente à experiência e à orientação. Sua correlação intrínseca representa a complexidade do aprendizado histórico, sua dupla polaridade entre a apropriação da experiência e a autoafirmação nos processos mentais da consciência histórica. (RÜSEN,2007,p.118)

Diante da perspectiva dos desafios que envolvem a formação histórica na escola, Ciampi (2003) nos dá pistas de alternativas que podem contribuir para a prática do ensino de história e, assim como Rüsen (2007), defende a articulação conhecimento e vida prática.

O desafio do volume de informações, produzido em função de novas tecnologias, implica pensar uma formação docente capaz de desenvolver, com os alunos, não só conceitos disciplinares, mas, sobretudo, outra ordem de conteúdos, os procedimentais, incluindo as competências e, entre elas, a pesquisa e seleção de informações para resolver um problema e entre as possíveis soluções, as mais adequadas ao seu contexto.(CIAMPI,2003,p.113-114)

O estudante dos dias atuais demanda posturas diferentes por parte dos profissionais, não lhe cabe mais o papel de sujeito passivo no processo de aprendizagem, a facilidade de acesso a informações ao alcance dos dedos (via smartphones, por exemplo) retirou do professor a autoridade de “detentor do conhecimento”. Isso não quer dizer que o conhecimento científico seja um atributo desnecessário ao professor, continua muito

importante, mas não apenas esse, o professor de história hoje precisa motivar a utilização de competências e habilidades dos educandos frente à complexidade da realidade.

O processo de conhecimento, inclusive no espaço escolar, implica um movimento de relações recíprocas entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, num dado contexto sócio-cultural. As relações que envolvem alunos, professor e conhecimento, no espaço escolar, são complexas: articulam experiências, vivências, interesses, valores e expectativas diferenciadas. Nesse espaço, cruzam-se vozes e significados diversos, influenciando no processo de construção do conhecimento. Daí a importância da interlocução, do diálogo dos alunos com o objeto/tema de estudo, orientado pelo professor. (CIAMPI,2003,p.113)

Portanto, a escola supera a perspectiva de um lugar reduzido à obtenção da informação e acumulação de dados, passa a ter um fim maior que é a formação do sujeito do aprendizado, criando condições para que o mesmo se mobilize para atuar na vida prática em sociedade. Assim também ocorre com o papel do professor e do ensino de história que não se reduzem à transmissão de conhecimento, mas que deva se pautar no contexto do estudante e na aplicabilidade desses conhecimentos.



Formação é um modo de recepcionar esse saber, de lidar com ele, de tomar posição quanto a ele, de utilizá-lo. Trata-se de uma utilização que não está necessariamente restrita à profissionalização, ao "mundo dos especialistas" dos historiadores. Ela é característica de todos os que desejam ou precisam efetivar sua compreensão do mundo e de si, na orientação da vida prática, em um determinado nível cognitivo. (...) Formação não é, por conseguinte, poder dispor de saberes, mas de formas de saber, de princípios cognitivos, que determinam a aplicação dos saberes aos problemas de orientação. Ela é uma questão de competência cognitiva na perspectiva temporal da vida prática, da relação de cada sujeito consigo mesmo e do contexto comunicativo com os demais. (RÜSEN,2007, p.101)

Tratando sobre aprendizagem histórica é fundamental levantar algumas considerações acerca do conceito de consciência histórica. Para Rüsen (2007) a consciência histórica é uma categoria básica da didática da história. Assim sendo, o estudante tem uma consciência histórica própria que interage com a aprendizagem histórica e com sua experiência social e cultural constantemente.

Consciência histórica é a expressão utilizada contemporaneamente para designar a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo. (MARTINS,2019, p.55)



Há entre a consciência histórica e a aprendizagem histórica uma relação mútua de constituição, visto que a aprendizagem se estrutura em uma consciência histórica prévia e colabora para uma estruturação desta.

A aprendizagem histórica é informal (no ambiente usual da vida prática) e formal (no sistema escolar). Todo processo de aprendizado supõe a CH (como inicialmente presente, ainda não tematizada, em todo agente), contribui para sua constituição e consolidação, precisa dela para firmar-se e desenvolver-se. (MARTINS,2019, p.56)

Assim sendo, no âmbito da sala de aula tanto professor, quanto estudante são detentores de consciência histórica e ambos também estão em processo de aprendizagem histórica, a interação entre as consciências históricas presentes em uma sala de aula deve também ser considerada.

No processo formal de aprendizagem escolar, a CH de docentes e discentes interagem numa comunicação intergeracional substantiva da convivência cultural e da produção de conhecimento histórico, mediante apropriação individual por todo aprendiz, em ambas relações: a interação intergeracional e a subsistente entre docentes e discentes. Há efeito reflexo desse aprendizado sobre o docente, para quem o aprendizado continua no exercício profissional e na vida sociocultural. (MARTINS,2019, p.57)

O projeto “Memórias de Garanhuns” é um bom exemplo de um trabalho voltado para a história local que oportuniza a aprendizagem histórica a partir da influência mútua da consciência histórica entre professor e alunos e entre alunos e alunos.

## OS ESTUDANTES

Este trabalho tem como foco o estudante e sua aprendizagem a partir da experiência com um projeto que trata sobre a história local. Cabe então uma caracterização dos estudantes que participaram da pesquisa.

Para tanto, utilizaremos a análise do questionário que foi aplicado com estudantes dos três nonos anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal IPH e apresentaremos alguns dados quantitativos nesta explanação, bem como, alguns gráficos para representar de maneira clara os resultados da análise.

Os nonos anos possuíam naquele ano (2019), 115 estudantes matriculados, aplicamos o questionário com 95, corresponde 82,6 %, os demais são faltosos ou desistentes. Entre os que participaram da pesquisa, 26 % se declararam brancos e 74% se declararam pretos ou pardos. Moravam na área urbana de Garanhuns 92 estudantes dos

95(97% do total de participantes), enquanto 2 moravam na zona rural e 1 morava em uma cidade vizinha (Canhotinho). A maioria estudava na escola há mais de dois anos, 98%. Predominava a família tradicional, a maioria morava com pai, mãe e irmãos, 83% morava em casa própria.

Chamou a atenção o quantitativo de estudantes que não sabiam a escolaridade do pai, mais de 35 %, o número de estudantes que não sabiam a escolaridade da mãe também foi alto, 22 %, esse dado causou a impressão de que o assunto educação escolar não é tema de diálogo nessas famílias. Acerca da escolaridade dos pais, 9 % possuem o fundamental I, 19% fundamental II, 19% ensino médio, 10,5% ensino superior, 4,5% não estudou e 3% não tinha pai. Quanto a escolaridade das mães, 6% cursou o ensino fundamental I, 19 % fundamental II, 36% ensino médio, 17% ensino superior. No que diz respeito à renda familiar 30,5 % afirmou que chega a um salário mínimo, 42% afirmou que fica entre dois e três salários mínimos, 7,5% acima de três salários e 20% não sabia a renda de suas famílias.

Com relação aos conhecimentos sobre história, a primeira pergunta do questionário tinha como objetivo entender como o estudante vê a disciplina história e a importância para sua vida. Separamos as respostas, a partir dos argumentos, em quatro grupos. Para melhor distinguir as respostas nomeamos os grupos da seguinte forma: Grupo 1 (Considera a história importante), grupo 2 (Considera parcialmente importante), grupo 3 (Não considera a história importante) e grupo 4 (Não soube responder ou não opinou). Lembrando que neste momento quando falamos história no questionário voltado ao estudante, sobressai a ideia de disciplina escolar.

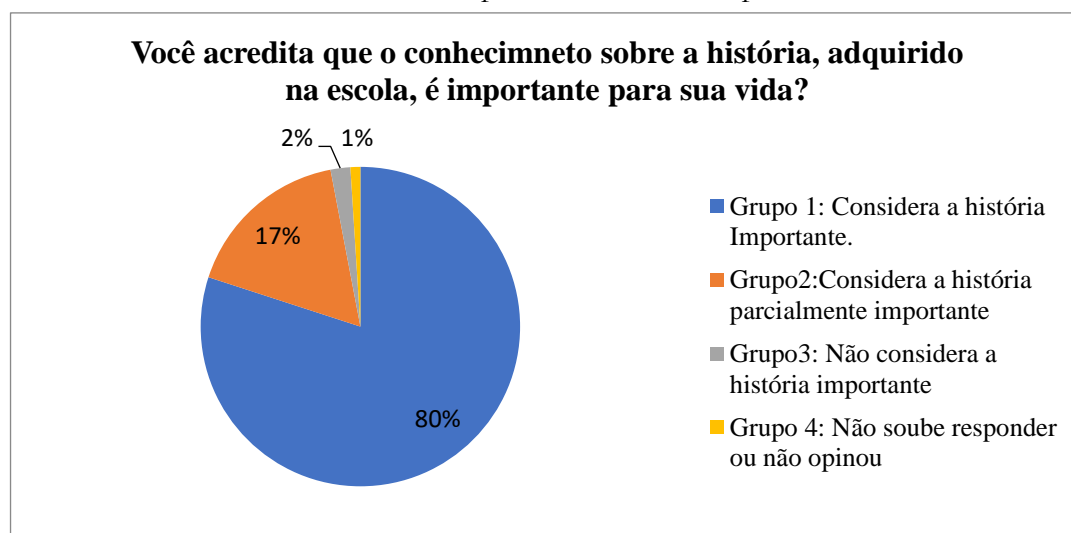
Primeiro grupo considera a história muito importante e expressaram esta opinião afirmando que: “ a história é muito mais que uma matéria da escola” (ESTUDANTE 3Q, 2019); “ Entender história é importante para a vida” (ESTUDANTE 8Q, 2019); “ História é importante porque tudo que vem do nosso passado explica tudo que há no presente, como: política, economia, etc.” (ESTUDANTE 7Q, 2019); “ Mostra os erros do passado e isso é importante para o presente” (ESTUDANTE 6Q, 2019); “ É importante sim, porque posso aprender com erros cometidos no passado” (ESTUDANTE 9Q, 2019).

Segundo grupo pensa que a história é parcialmente importante, ou não relacionam a importância a sua vida prática, apenas aos estudos. Nesse grupo destacamos alguns argumentos como, “É importante porque quando eu for fazer prova vou precisar deste conhecimento” (ESTUDANTE 10Q, 2019); “ Quando eu for para a faculdade vou lembrar tudo que estudei no colégio” (ESTUDANTE 11Q, 2019); “ Não sei ao certo . Pois algumas coisas que aconteceram e passaram não são importantes” (ESTUDANTE 16Q, 2019).



O terceiro grupo expressou desprezo pela disciplina história respondendo apenas “ não”(ESTUDANTE 1Q,2019) , “ o que passou não volta e por isso não faz diferença”(ESTUDANTE 23Q,2019), “ a história não vai servi para o meu trabalho quando for adulto”(ESTUDANTE 24Q,2019). O quarto grupo concentra aqueles que não responderam ou responderam de maneira contraditória (Gráfico 1).

**Gráfico 1.** A importância da história para o estudante



Fonte: Própria

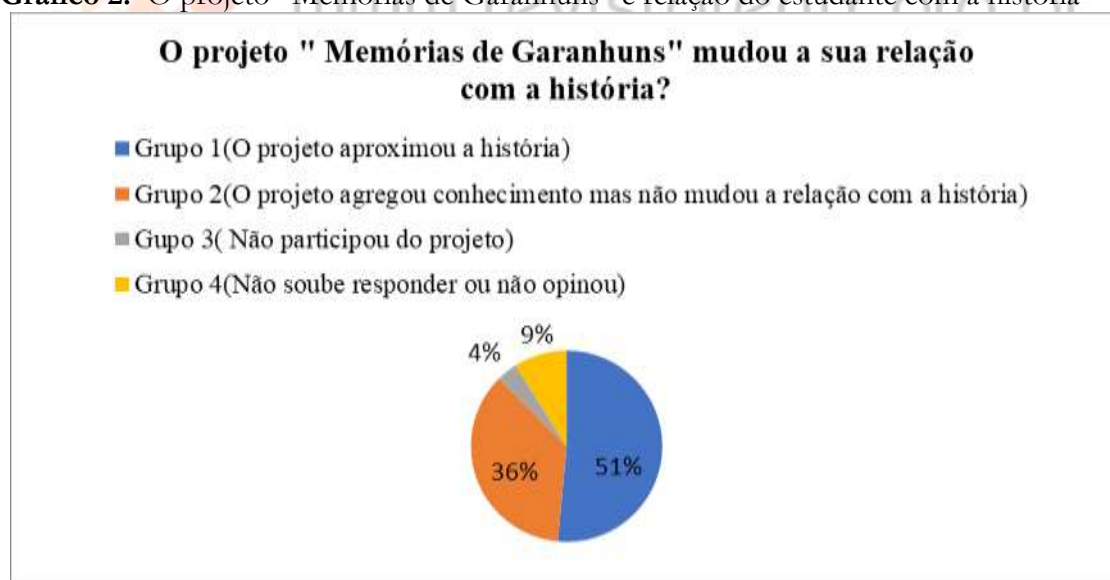
Como é possível ser visto no gráfico, 97% dos estudantes que responderam ao questionário consideram a disciplina história importante, 80% argumentam de maneira coerente que essa disciplina é importante e relacionaram essa importância ao valor do conhecimento do passado, à relação passado e presente e à valorização da experiência humana como saberes necessários.

A segunda questão aberta do questionário buscou compreender a opinião do estudante sobre o projeto “Memórias de Garanhuns”, bem como, entender de que maneira o estudante considera que a vivência do projeto marcou ou não, a sua relação com a disciplina história. Para melhor entendimento, separamos as respostas em quatro grupos. O grupo 1 concentra aqueles que consideraram que a vivência do projeto aproximou ou melhorou a relação com a disciplina história, esses usaram argumentos como: “Ampliou meu conhecimento sobre a história da minha cidade”(ESTUDANTE 10Q,2019); “ Passei a gostar mais da matéria”(ESTUDANTE 2Q,2019); “ Foi um grande momento de aprendizagem e também percebi o quanto deveríamos estudar nossas raízes”(ESTUDANTE 3Q,2019); “ Descobri muitas coisas e fiquei mais interessada”(ESTUDANTE 4Q,2019) ; “Depois do projeto tive vontade de conhecer onde

moro e sobre minha cultura”(ESTUDANTE 5Q,2019); “ Mostrou que não é só o mundo lá fora que tem coisas boas, mas o nosso lugar também, e precisamos entender e aprender sobre nossa história e cultura”(ESTUDANTE 6Q,2019); “ Mudou muito, porque eu não gostava de história e depois me aprofundi nestes assuntos e gostei”(ESTUDANTE 7Q,2019) . O grupo 2 envolve os estudantes que disseram que já gostavam de estudar história e o projeto não mudou essa relação que já era boa, esses responderam : “ Antes do projeto eu já gostava da disciplina de história e depois do projeto continuei gostando”(ESTUDANTE 11Q,2019); “Não mudou minha relação com a história porque sempre fui fascinado por essa matéria, mas aprendi muito.”(ESTUDANTE 12Q,2019); “Para mim história já era importante, só me fez ter mais conhecimento”(ESTUDANTE 14Q,2019). Grupo 3, reúne os estudantes que não participaram ou que disseram não lembrar do projeto. O grupo 4 concentra as respostas contraditórias ou em branco.

Com base nas respostas nomeamos os grupos para facilitar a leitura do gráfico. Grupo1(O projeto aproximou a história); Grupo2(O projeto agregou conhecimento, mas não mudou a relação com a história); Grupo 3(Não participou do projeto); Grupo 4(Não soube responder ou não opinou). Veja (Gráfico 2).

**Gráfico 2.** O projeto “Memórias de Garanhuns” e relação do estudante com a história



Fonte: Própria

É possível perceber no gráfico 2, resultante da pesquisa realizada com estudantes dos nonos anos, que 51% dos participantes da pesquisa achavam que a experiência do projeto os aproximou à disciplina história, despertando interesse, curiosidade e mais conhecimento. Para 36% o projeto agregou conhecimento, mas não modificou a relação com a história porque já era uma relação boa. Um grupo de 4% não participou do projeto,

entre esses, alguns porque faltaram e outros porque se recusaram e 9% que respondeu de maneira contraditória ou não respondeu. Somando o grupo 3 e o grupo 4, tenho 13% do total de consultados que não foram atingidos positivamente pelo projeto, levo em consideração que nenhuma atividade pedagógica atinge 100% dos estudantes envolvidos, alguns não aprendem porque se recusam e outros porque apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, ainda há aqueles que por questões sociais e familiares faltam muito as aulas. Mas considerando que o grupo 1 e o grupo 2 totalizam 87% que demonstraram algum interesse e aprendizagem no questionário sobre o projeto, entendemos que os objetivos do projeto foram alcançados por uma maioria.

A terceira pergunta buscava identificar, de maneira mais direta, o conhecimento que o estudante considera que desenvolveu na vivência do projeto “ Memórias de Garanhuns”, um grupo que soma 25 % dos participantes respondeu que não lembrava, deixou em branco ou respondeu sem coerência e 75% demonstrou algum conhecimento acerca da história da cidade, da vida de Domiguinhos ou da contribuição da experiência. Destacamos, nesse segundo grupo, algumas respostas como: “Muitas pessoas do nosso país não se interessam pela cultura do Brasil, de Pernambuco. Nesse projeto aprendi que não é preciso ir para o mundo lá fora para encontrar coisas boas”(ESTUDANTE 10Q,2019); “ Eu não sabia que havia vários artistas na minha própria cidade”(ESTUDANTE 21Q,2019); “ Aprendi que Garanhuns tem muita coisa boa, mas também tem muito a melhorar”(ESTUDANTE18Q2019).

Analisando as colocações dos estudantes é possível captar competências próprias da consciência histórica apresentadas por Rüsen (2007), como a identidade individual e coletiva, a relação própria e do grupo com o tempo, a identificação da experiência humana, a interpretação das informações e a perspectiva de atrelar sua formação escolar à sua vida prática. Acreditamos que o trabalho contínuo da equipe docente mobilizou a percepção dos educandos com relação aos aspectos citados, mas achamos importante reforçar que não consideramos o professor o detentor de todo saber e consciência que tem a função de transferir conhecimento e doutrinar o estudante, pode parecer para o leitor que ao defender uma abordagem local para aproximar a disciplina história e o estudante estejamos atribuindo à escola e ao professor papéis que não lhes cabem, o estudante quando chega a escola já possui consciência histórica. Partimos da ideia que Cerri (2011) defende quando afirma:

Se o ensino da história implica o gerenciamento dos objetivos curriculares e das concepções de tempo de história que os alunos já

trazem consigo desde fora da escola, então o professor de história definitivamente não é um tradutor de conhecimento erudito para o conhecimento escolar, um simplificador de conteúdos. É sim um intelectual capaz de identificar os quadros de consciência histórica subjacentes aos sujeitos do processo educativo- inclusive o seu próprio- e de assessorar a comunidade na compreensão crítica do tempo, da identidade e da ação na história. (CERRI,2011, p.18)

Portanto compete aos professores e a escola oportunizar a aprendizagem, promover o debate respeitoso, mover esforços para evitar equívocos baseados em informações falsas, negacionismos e radicalismos.

## OS PROFESSORES

Diante da impossibilidade de realizar novas entrevistas orais e visitas a escola em 2020<sup>1</sup>, elaboramos um formulário com questões e enviamos ao gestor da Escola Municipal IPH, solicitamos que repassasse aos professores por aplicativo de mensagens e recebemos, em oito dias, vinte respostas. De todos que colaboraram, uma professora é da sala de leitura, uma da primeira fase da Educação de Jovens e Adultos e os demais, são todos do ensino fundamental II, das mais diversas áreas, linguagens, humanas, exatas e ciências da natureza, o total de professores desse nível de ensino é de quarenta e dois.

As quatro primeiras questões foram de identificação dos participantes, e-mail, nome, função que exerce na escola e turmas que leciona. A partir da quinta questão as indagações foram sobre o projeto “Memórias de Garanhuns”.

A quinta e a sexta questão estão diretamente ligadas, na quinta perguntamos sobre participação no projeto “Memórias de Garanhuns” em 2018. As opções de resposta são: sim, não e parcialmente.

---

<sup>1</sup> A impossibilidade devido ao isolamento social e o fechamento das escolas como medidas de prevenção ao Corona Vírus 19.

**Gráfico 3.** Participação de professores no projeto " Memórias de Garanhuns" 2018.

Fonte: Própria

Embora todos tenham autorizado o uso dos dados do formulário, nomeamos os participantes pela ordem das repostas. A sexta questão deixou o espaço para os professores relatarem como foi sua participação ou justificar a não participação. O espaço para responder ficou aberto às respostas subjetivas. Entre os que responderam que não participaram do projeto em 2018 as justificativas foram de que, não participaram porque ainda não faziam parte da equipe de professores, a única pessoa que respondeu parcialmente, na justificativa respondeu assim: “Experiência gratificante, na elaboração do tema proposto e com planejamento amplo.”(PROFESSORA 9,2020).Essa justificativa a envolve diretamente no projeto, contradizendo o que optou na questão 5.Destacamos algumas respostas da sexta questão que resumem bem a argumentação da maioria que respondeu sim, como este da professora 7:

Foi um trabalho de suma importância tanto para mim, enquanto professora, como também para meus alunos, quando na oportunidade podemos partilhar de conhecimento acerca de um grande ponto de referência em nossa cidade, as " Sete Colinas" de forma contextualizada e interdisciplinar. (PROFESSORA 7,2020)

Tanto a resposta da professora 7, quanto a do professor 11, revelou que o projeto foi uma oportunidade de troca de conhecimentos e de aprendizado histórico, tanto para professor, quanto para estudante.

Eu participei sim. Fiquei responsável por uma turma de 7º ano, onde tivemos que trabalhar as personalidades de Garanhuns em diferentes âmbitos. Mesmo sendo um trabalho fora da minha área de formação, além do fato de eu residir a poucos anos na cidade de Garanhuns, foi um momento ideal para adquirir novos conhecimentos. Cito inclusive o fato de que antes eu não sabia que Garanhuns tinha tantas personalidades seja

no esporte, seja na música e etc. Somado a isso confesso que conhecia apenas Dominginhos e alguns esportistas como Fernando Skaff, mas com a pesquisa dos estudantes, a exposição de conhecimentos por parte deles e com o auxílio enquanto professor, passei a conhecer um mundo diferente. Gostei muito do trabalho. (PROFESSOR 11,2020)

O argumento da professora 19(2020), embora curto, chamou a atenção por ter ressaltado a importância da oralidade na experiência, “gostei do resgate da oralidade”. É um recurso que foi utilizado no projeto da escola, mas que foi pouco citado.

As perguntas 7 e 8, foram sobre o projeto “Memórias de Garanhuns” de 2019, foi possível perceber que a adesão dos participantes da pesquisa foi um pouco maior, nesta edição, provavelmente, pela maior proximidade temporal, levando em consideração a rotatividade que pode ocorrer na equipe ano a ano(Gráfico 4).

**Gráfico 4.** Participação do professor no projeto “Memórias de Garanhuns” 2019.



Fonte: Própria

A resposta à questão 8 abriu espaço para o colaborador falar sobre sua participação no projeto pedagógico, na sua edição de 2019, ou justificar a sua não participação. Entre os que responderam que não participaram, ocorreu uma justificativa que foi o fato de não trabalhar nas turmas que foram contempladas no projeto nessa edição<sup>2</sup>. As outras pessoas que responderam não, na questão 7, justificaram que não participaram por não estarem ainda na escola naquele ano.

Uma só pessoa respondeu a opção “parcialmente”, não foi a mesma professora que deu essa resposta na sexta pergunta, a justificativa dessa vez, assim como no outro caso, mostrou o envolvimento da profissional no projeto. “Ficamos com os pontos

<sup>2</sup> Em 2019, apenas oitavos e nonos anos participaram diretamente na produção dos trabalhos e apresentações, os demais estavam apenas como expectadores, nesse ano o projeto teve dimensões menores.



turísticos, mas gostei mais das descobertas históricas. Como Castelinho, que o parque Euclides era um cemitério.” (PROFESSORA14,2020).

As respostas correspondentes aos professores que responderam sim, foram: “Bom, por buscar valorizar a história da cidade”(PROFESSOR 20,2020); “Participei e foi menos grandioso do que o anterior, porém foi muito bom e mais focado num tema específico”(PROFESSORA 18,2020); “Momento muito rico, de resgate da nossa história e perpetuação da nossa cultura”(PROFESSORA 8,2020). E alguns como o professor 11, detalharam o trabalho desenvolvido pela turma que orientaram.

Sim. Assim como em 2018, a experiência foi muito boa. Minha turma (9º ano A) trabalhou as composições do eterno músico, Dominginhos. Todo o trabalho também foi desenvolvido de forma interdisciplinar, inclusive nessa mesma turma, teve produção de fantoches, além de apresentações musicais interpretando os principais sucessos do cantor. Pra mim, novamente, foi um momento de grande aprendizagem. (PROFESSOR 11,2020)

A pergunta 9, tratou sobre a opinião do professor acerca da experiência com projetos interdisciplinares como o que estar sendo alvo desta pesquisa. A pergunta era: você considera positivo o trabalho com projetos interdisciplinares, como o "Memórias de Garanhuns"? Justifique. Todos os participantes afirmaram que sim, consideram positivo o trabalho com projetos interdisciplinares. “Sim. É uma oportunidade de envolver toda a escola em um único projeto e muda a rotina tornando-a ainda mais interativa.” (PROFESSORA 15,2020); “Sim. Todos de alguma forma podem contribuir na construção do conhecimento” (PROFESSORA 5,2020). As respostas dos professores a essa questão foram muito semelhantes, todos tratam da importância da interação entre as disciplinas, colegas e estudantes na construção de conhecimento. A argumentação do professor 11, chama atenção por contemplar essa interação e por mencionar a matemática, mesmo em uma pesquisa que trata sobre um projeto mais voltado para a área de humanas, que muitas vezes é vista a muita distância da área de exatas.

Sim. Extremamente positivo, uma vez que o trabalho interdisciplinar não só traz uma proximidade entre as diferentes áreas como mostra diferentes maneiras de abordar a temática, fazendo com que o aluno possa buscar estabelecer esse elo entre os diferentes conhecimentos que ele está adquirindo. O ensino de matemática, por exemplo não deve estar pautado apenas em ensinar o estudante a calcular, ele precisa saber aplicar esse cálculo e associar esse conhecimento as situações do dia a dia. A interdisciplinaridade pode facilitar a construção desse processo. (PROFESSOR 11,2020)

A contribuição da professora 16, chama a atenção para a oportunidade de envolvimento de toda comunidade escolar em um projeto interdisciplinar.

Os projetos interdisciplinares são sempre experiências muito positivas, principalmente porque envolvem todos os que fazem parte da escola, não só alunos e professores, mas gestores, funcionários e familiares dos alunos, em alguns casos, a comunidade local e convidados. Além da aprendizagem de conteúdos, somam-se o resgate e o respeito pela cultura, em diferentes registros e de outras épocas. (PROFESSORA16,2020)

As similaridades entre as respostas dos professores, que responderam individualmente ao formulário, revelam a coerência da equipe quanto a assuntos muito caros ao ensino básico, como é a interdisciplinaridade.

A décima questão tinha como objetivo levantar as dificuldades encontradas na realização do projeto pedagógico. A pergunta era: existe algo que você considera que poderia mudar, para melhorar o projeto " Memórias de Garanhuns" nas próximas edições? Justifique sua resposta. Oitenta por cento apontou mudanças que considera necessária ou dificuldade que atrapalhou em algum aspecto. A queixa mais presente nos comentários estar relacionada aos recursos. “Sim, com certeza mais recursos, visto que nosso trabalho, boa parte das vezes, fica limitado devido aos custos, que são inviáveis aos estudantes.” (PROFESSORA 7,2020).

A professora 15, chama atenção para o problema estrutural da escola. “Nossa maior dificuldade é o espaço físico. Não temos uma estrutura adequada e isso dificulta um pouco.” (PROFESSORA 15).

Uma reclamação muito presente nas justificativas, foi o pouco tempo, alguns sugeriram que o projeto começasse a ser planejado no ano anterior ou, como a professora 5, que houvesse uma maior organização do tempo.

Uma sugestão presente em duas falas foi a diversificação do tema, alguns colegas chegaram a sugerir abordagens e temas, revelando que não faltam ideias para as próximas edições do projeto. “Sim. Acho muito importante a história de Pernambuco que, por coincidência, a data magna é comemorada na mesma semana, que esse projeto também trabalhasse a história do nosso estado.” (PROFESSOR 20,2020).

O argumento da professora 12 merece destaque por ter mencionado a necessidade de ressaltar a origem afrodescendente da cidade. A fala da professora é breve, mas diz muito: “Explorar a memória afrodescendente que deu origem a Garanhuns.” (PROFESSORA 12,2020)

Uma justificativa que converge com o que defendemos, no que se refere ao uso da história oral na sala de aula, foi a da professora 19, quando diz: “Sim, retratar e ouvir mais as pessoas antigas e suas memórias sobre Garanhuns.”(PROFESSORA 19,2020)

O questionamento da pergunta 12 foi sobre a interferência do afastamento social, no contexto da pandemia de COVID-19, para realização de projetos pedagógicos como o “Memórias de Garanhuns”. Todos os participantes concordaram que o afastamento social e as dificuldades de acesso remoto ao estudante impediram a realização de projetos pedagógicos mais elaborados, no estilo do “ Memórias de Garanhuns”, por dificultar a interação entre os próprios estudantes e com o professor, devido a dificuldade dos estudantes de acesso a internet de qualidade, por impedir a realização de pesquisas, entrevistas e visitas, para colher informações . Enfim, a pandemia pegou toda a educação de surpresa, sem estrutura, sem recursos e sem preparo para oferecer um serviço de qualidade com equidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial desta pesquisa foi analisar a prática do ensino de história local na Escola Municipal Instituto Presbiteriano de Heliópolis, Garanhuns- Pernambuco, a fim de refletir sobre a hipótese de que a vivência de experiências pedagógicas que tenham base na história e cultura local é uma possibilidade para o ensino de história na educação básica, no ensino fundamental II.

Após entrevistas e aplicação de questionários, com equipe docente e discente, foi possível perceber que o trabalho com o ensino de história local amplia horizontes para o aprendizado significativo da história.

A escola em análise possui um projeto pedagógico interdisciplinar, “Memórias de Garanhuns”, pensado por docentes e equipe gestora, vivenciado desde 2018, que teve resultados satisfatórios tanto para professores, quanto para estudantes e tem como base o trabalho com temáticas ligadas a história local.

A pesquisa em torno do projeto pedagógico mencionado mostrou que, apesar das dificuldades e limitações, comuns à uma escola pública municipal, a realização de um trabalho que possibilite a vinculação da vida prática à aprendizagem histórica é possível, desde que exista interesse e compromisso entre os envolvidos.

Foi possível perceber que a interdisciplinaridade pode ser uma estratégia para o ensino de história, que amarga uma carga horária reduzida na educação básica e através de

projetos como o “Memórias de Garanhuns” consegue espaço junto ao público escolar e comunidade local.

A coerência entre os argumentos de professores e alunos, revela que as expectativas de aprendizagem pensadas no planejamento do projeto “Memórias de Garanhuns” foram alcançadas junto aos estudantes.

A boa relação da maioria dos estudantes com a disciplina história, percebida nas entrevistas e questionários é fruto do trabalho dedicado de uma equipe que já vem há pelo menos três anos sendo executado.

A avaliação positiva dos estudantes, professores e gestão junto ao projeto “Memórias de Garanhuns”, comprova a hipótese de que, um bom trabalho com o ensino, a pesquisa e a produção acerca da história local contribuem para a formação histórica e integral dos educandos.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (Org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum- BNCC**. Brasília, 2020. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> > Acesso em: 20 de janeiro de 2021

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CIAMPI, Helenice. **O processo de conhecimento/pesquisa no ensino de história**. Londrina: História e Ensino v. 9, p. 109-132, 2003

MARTINS, Estevão Rezende. **Consciência Histórica**. In : FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário do Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

NIKITIUK, Sônia Maria Leite (Org.). **Repensando o Ensino de História**. São Paulo: Cortez, 1996.

NIKITIUK, Sônia Maria Leite. **Um processo coletivo de formação continuada pelos caminhos da história local**. Tese (doutorado em educação) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/001135648>. > Acesso em: 18 de janeiro de 2021

RÜSEN, J. **História prática, aprender, compreender, humanidade**. IN: Teoria da História. Uma teoria da História como ciência. Curitiba: ED. UFPR,2015.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: Teoria da História:formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília,2007.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História Oral na sala de aula**. 1ed. Belo Horizonte: Autentica Editora,2015.

**RECEBIDO EM: 22/01/2021**  
**PARECER DADO EM: 29/03/2021**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)